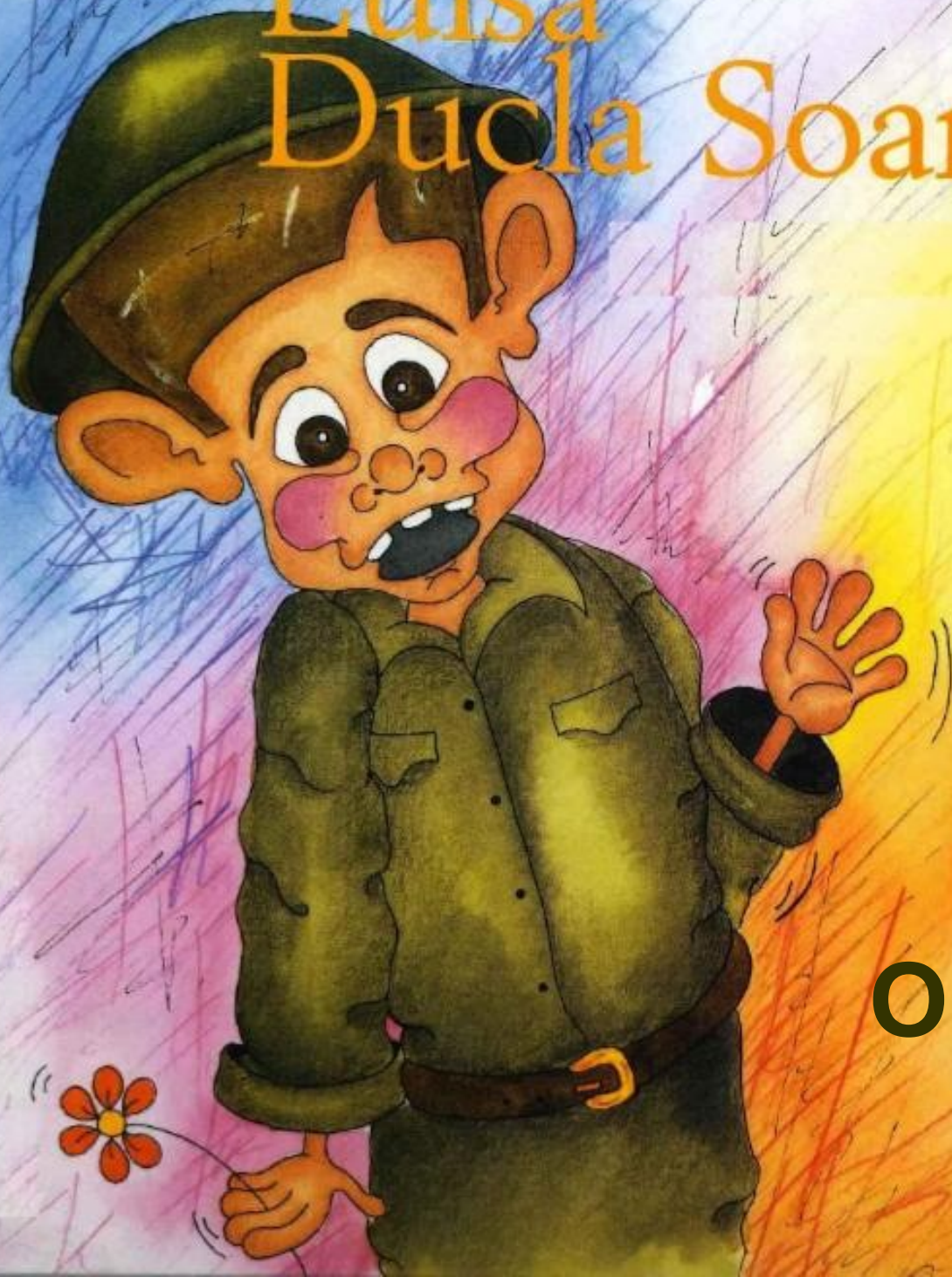
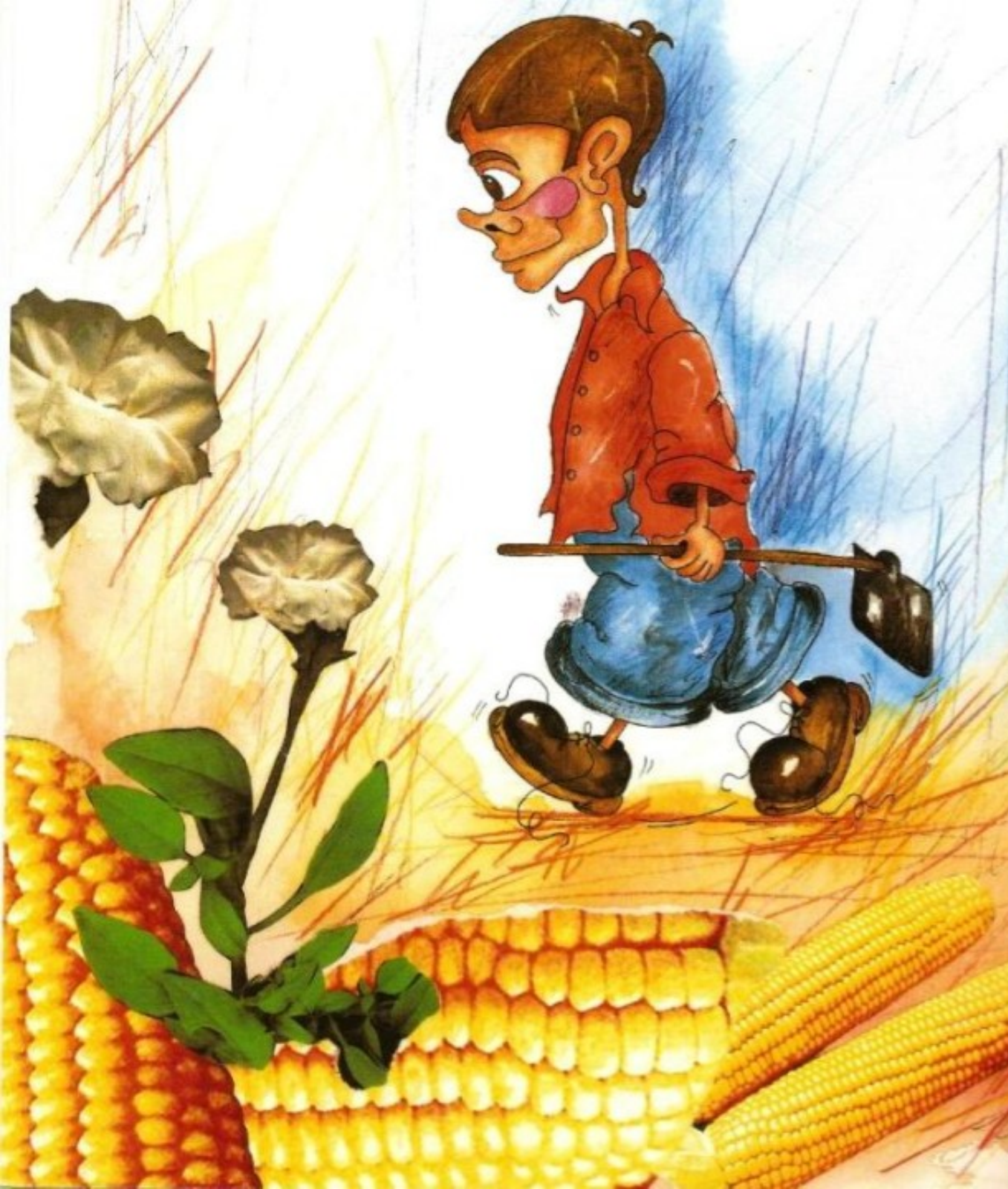


Luísa
Ducla Soares



O soldado João

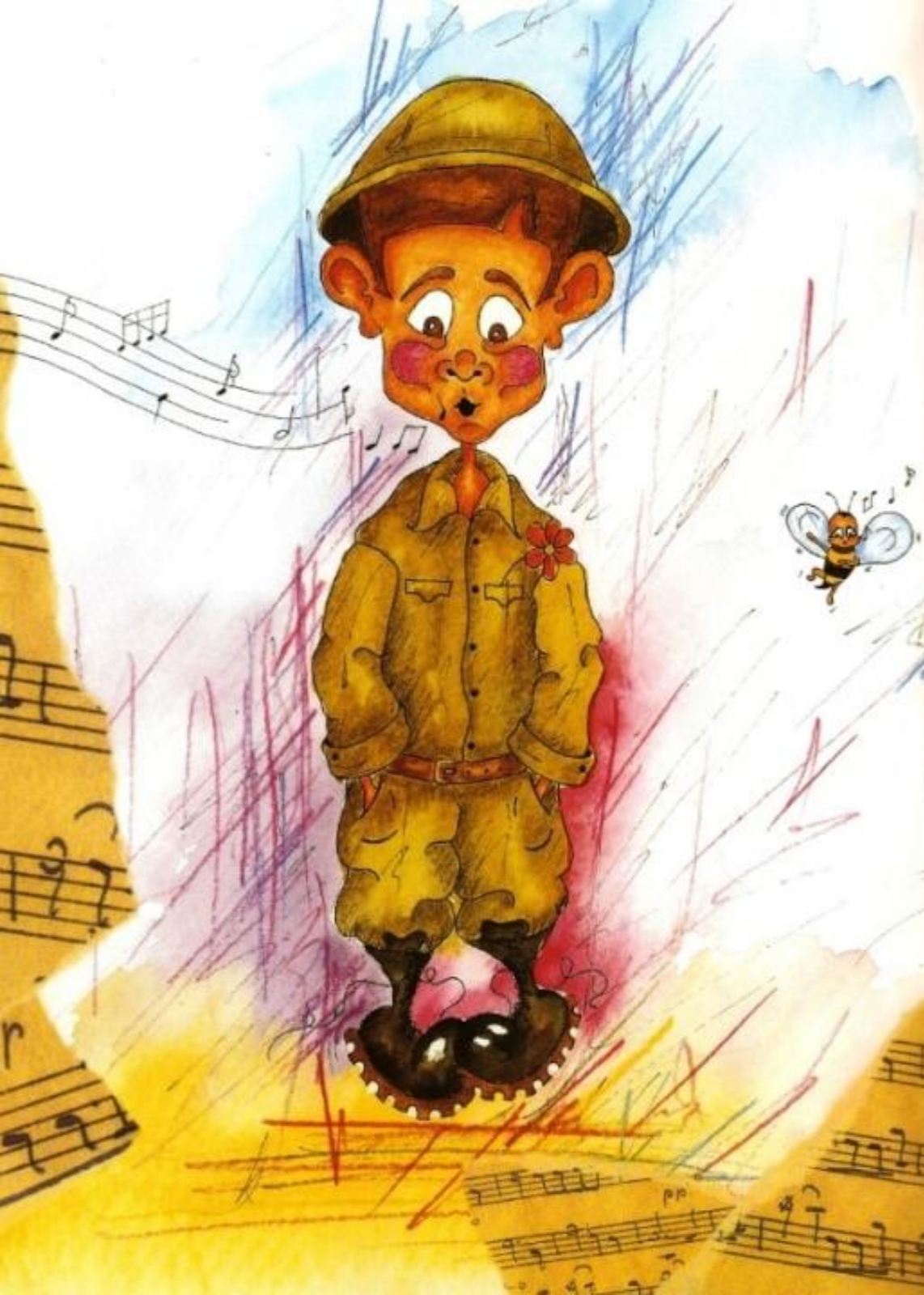


Era uma vez um soldado chamado João. Vinha de sachar milhos, de regar cravos, de semear couves e manjericos.

Agora, toca a marchar, de espingarda ao ombro, mochila à cinta, botas de cano, farda a rigor.



Pelos campos fora, o soldado João era a vergonha dos batalhões. Trazia uma flor ao peito, punha as mãos nas algibeiras, coçava o nariz, não acertava o passo. E, para cúmulo, assobiava ou cantava modinhas da sua aldeia.



Bem lhe ralhava o sargento, o ameaçava o capitão, o castigava o general.

O soldado João continuava a marchar, feliz e desengonçado como se fosse à feira comprar gado ou ao mercado vender feijão.

**Mas tanto marchou o soldado João que chegou à terra da guerra.
Todos os soldados carregaram as espingardas e fizeram pontaria...**





Mas o soldado João achou indelicado não ir cumprimentar os colegas da outra banda. Pousou a arma, saltou a trincheira, avançou estendendo a mão. Então os outros soldados, espantados, estenderam também a mão.

- Fogo! – gritava o sargento.
- Disparem! – mandava o capitão.
- Atirem! – ordenava o general.





**Mas os soldados eram tantos
que demorava muito tempo
cumprimentá-los.**



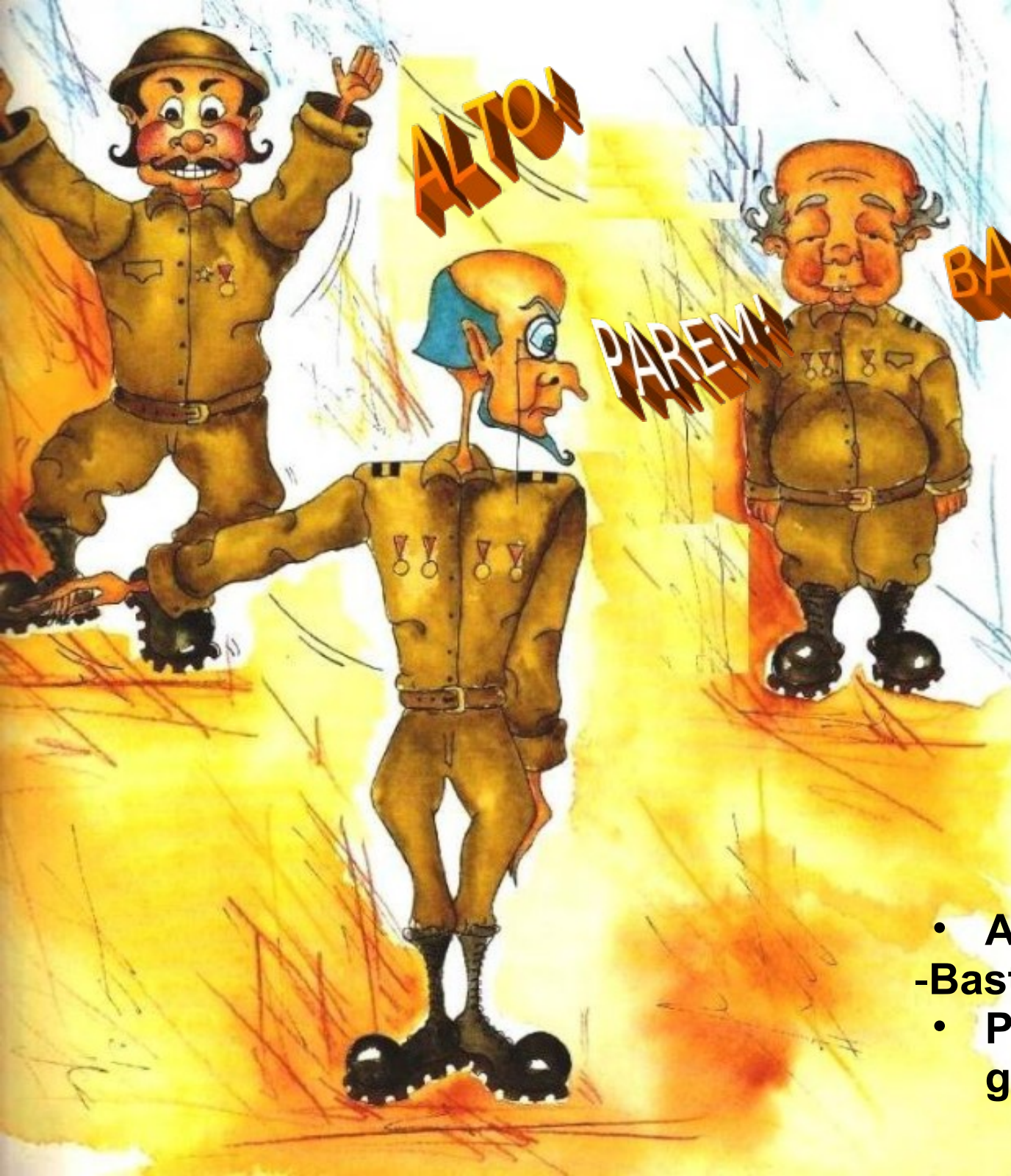
Foi o sargento buscar o soldado João, dizendo:

- **Rapaz, não te lembras de que te ensinei que a guerra é para matar? Vou pôr-te a corneteiro, já que não tens jeito para atirador.**



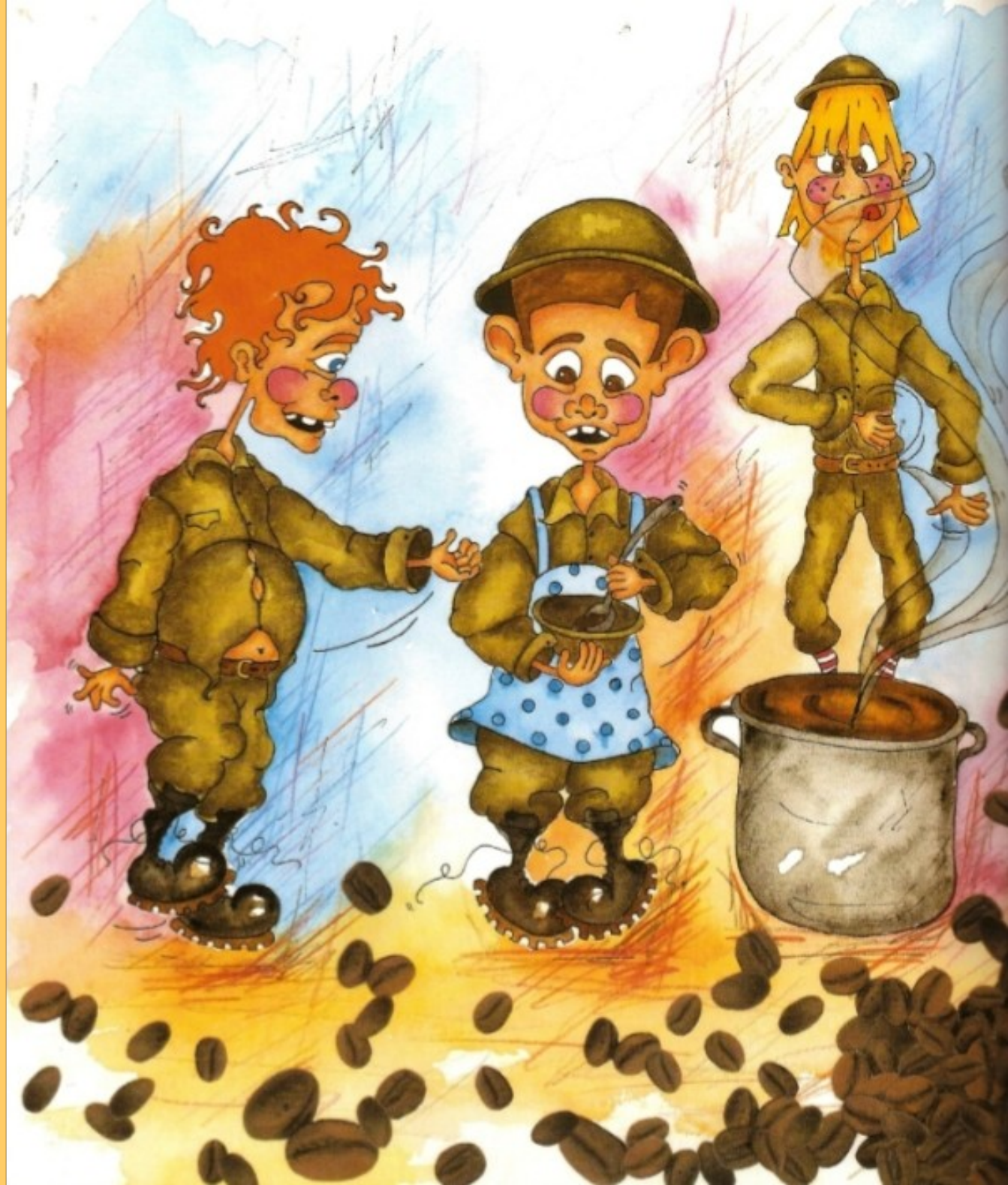
O soldado João pegou na corneta, ei-lo a soprar, e logo o fandango ecoou pelos campos fora, convidando à dança.

Sapateava a tropa, rodopiava, batia palmas.



- Alto! – gritava o sargento.
- Basta! – mandava o capitão.
- Parem! – ordenava o general.

Arrancou o sargento a corneta ao soldado João e, zangado, explodiu:
- Vais para cozinheiro do exército. Ao menos aí não empatarás a guerra.
Mal chegou à cozinha, foi buscar café. Arrastava pelas fileiras, fumegando, o enorme panelão, apetitoso, perfumado.



Aproximava-se de cada soldado, tirava-lhe o capacete, a fazer de malga, despejava-lhe uma concha de café. Amigos e inimigos, todos se deliciavam com tão inesperado pequeno-almoço.



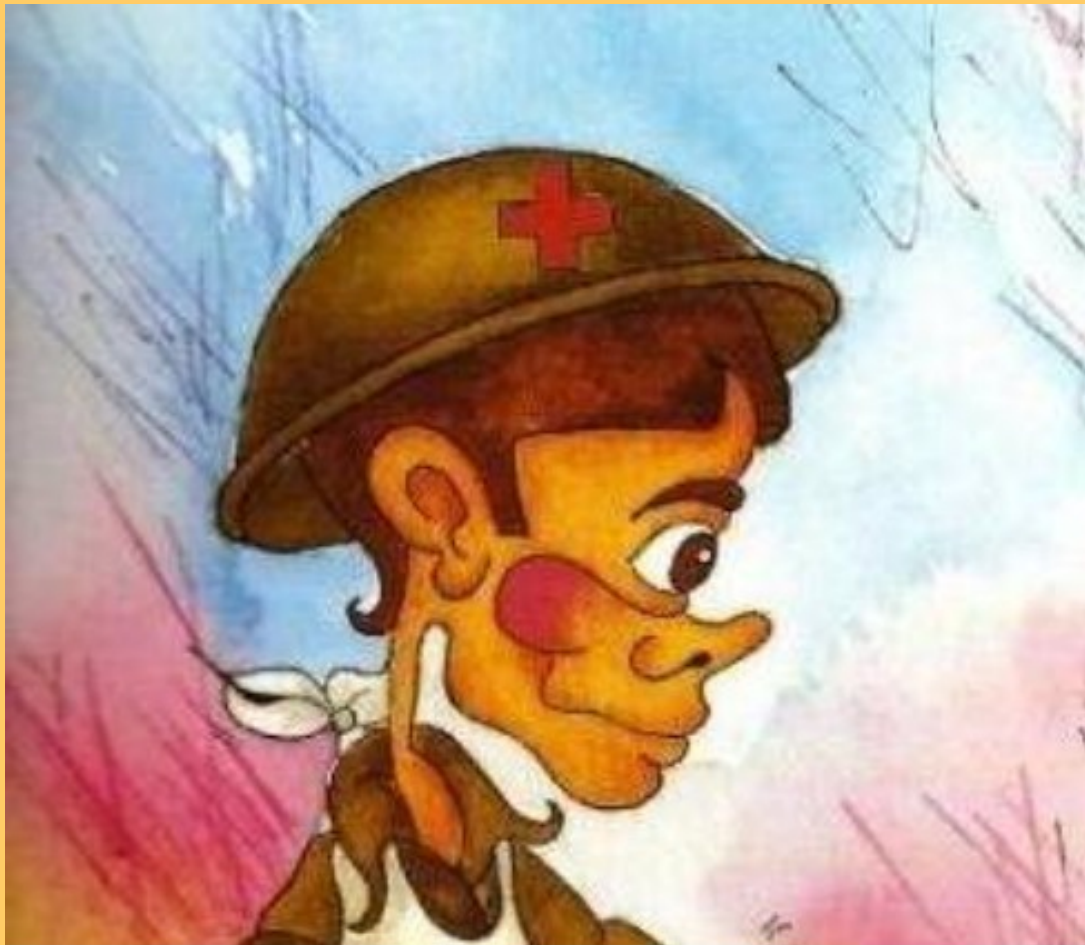
A POSTOS!

AO VOSSO LUGAR!

PERFILAR!

- Ao vosso lugar! – gritava o sargento.
- A postos! – mandava o capitão.
- Perfilar! – ordenava o general.





Tiraram a panela ao soldado João, enrolaram-no numa bandeira da cruz vermelha dizendo:

- **Já não és atirador, nem corneteiro, nem cozinheiro. Daqui por diante és enfermeiro militar.**

Mal se viu na sua nova função, ei-lo a correr à procura de feridos. Viu um inimigo com um olho negro e foi tratá-lo. Viu um furriel com uma picada de abelha e num instante lhe arrancou o ferrão. Notou que os dois generais coxeavam ligeiramente, descalçou-lhes as botas e pôs-se a rapar-lhes os calos.





Então o incrível aconteceu. Os dois generais rivais levantaram-se ao mesmo tempo e condecoraram-no com duas luzentes medalhas de ouro. Como era noite, acharam que já passara o tempo da guerra, apertaram as mãos, partiram em paz.





O soldado João sete dias andou até chegar à sua aldeola, onde de novo sacha milho, rega cravos, semeia couves e manjericos.

FIM

Clica na imagem